

# A ÉTICA NA SUSTENTABILIDADE DAS RELAÇÕES DE TRABALHO: O CASO DE ONÉSIMO E FILÊMOM

*Dionísio Oliveira Soares*

## **Resumo**

*O presente artigo pretende analisar a relação de serviço entre senhor e escravo presente na Carta a Filêmon, relação esta que serve de pano de fundo para este escrito paulino. Para tanto, serão observados os argumentos usados por Paulo no intuito de promover, mesmo entre duas posições sociais tão antagônicas e conflitantes (devido a seus interesses intrínsecos), uma relação que esteja pautada na ética sustentável<sup>1</sup> dentro dos padrões cristãos. A partir dessa nova relação, torna-se possível também o aprimoramento das relações de trabalho dentro da igreja e da sociedade.*

**Palavras-chave:** *Sustentabilidade. Igualdade. Comunhão. Carta a Filêmon.*

## **Abstract**

*This article aims to analyze the relationship between master and slave service in the Letter to Philemon, a relation that serves as backdrop for this Pauline writing. To do so, it shall be subject to the arguments used by Paul in order to promote even between two social positions as antagonistic and conflicting (because of their intrinsic interest), a relationship that is based on ethics sustainable within the Christian standards, also allowing the enhancement of working relationships within the church and society.*

**Keywords:** *Sustainability. Equality. Communion. Letter to Philemon.*

1. Entende-se *sustentável*, neste artigo, como sinônimo de *saudável, duradouro, pacífico, benéfico*, aquilo que garante *desenvolvimento e boa qualidade de vida*.

## Introdução

A Carta a Filêmon está dentro do grupo do epistolário paulino considerado como do próprio Paulo. Sem dúvida, o estilo e conteúdo são paulinos. Não há, de fato, objeções significativas contra a autenticidade por parte da crítica atual.

Paulo, em prisão (v. 1.9.10.23), intercede por Onésimo, escravo fugitivo de Filêmon, o qual certamente procurou ajuda junto ao apóstolo após ter causado danos (que não se podem precisar) a seu dono (cf. v. 12.18). Não se sabe como Onésimo chegou até a prisão onde estava Paulo. A exemplo de Filipenses, o apóstolo está acompanhado por Timóteo e outros auxiliares (v. 1.23.24). A presença de companheiros e a continuidade do trabalho missionário por parte do apóstolo, mesmo na prisão, permitem afirmar que seu cativo era brando.

Além de Filêmon, aparecem como destinatários da carta Ápia (que talvez seja a mulher dele), Arquipo e a “igreja que se reúne em sua casa” (cf. v. 1-2). Onésimo pertencia à comunidade de Colossos (cf. Cl 4,9), como também Arquipo (4,17) e certamente Filêmon. A citação das mesmas pessoas acompanhantes do apóstolo, o jovem Timóteo (Cl 1,1 e Fm 1), Epafra, Marcos, Aristarco, Demas, Lucas e Onésimo (Cl 4,9-10.12.14 e Fm 23-24), bem como um destinatário comum, Arquipo (cf. Cl 4,17 e Fm 2), permitem pressupor que Colossenses e Filêmon possam ter sido escritas na mesma região, ou seja, Éfeso, local de um dos cativos de Paulo, e que distava pouco mais de 160km de Colossos<sup>2</sup>. No caso de Filêmon, a carta teria sido escrita entre 53-55 ou 55-57 dC.

### 1. Estrutura e conteúdo

Filêmon é a única carta paulina escrita totalmente pela mão do apóstolo, pois geralmente ele ditava sua correspondência. Ela pode ser estruturada da seguinte forma: **A.** saudação (v. 1-3); **B.** ação de graças (v. 4-7); **C.** corpo da carta com o pedido de Paulo em favor de Onésimo (v. 8-20); **B’.** certeza de Paulo no sucesso de seu pedido (v. 21); **A’.** observação final e saudação (v. 22-25)<sup>3</sup>.

O pedido de Paulo (corpo da carta) pode ser dividido em três pontos: Onésimo agora é, de fato, útil (v. 8-11); é filho espiritual de Paulo, sendo então agora irmão de Filêmon (v. 12-16); e o clímax da argumentação convincente de Paulo: o apóstolo deve a Filêmon ou é o inverso (v.17-20)?

2. ROBBINS, Ray F. Filêmon. In: ALLEN, Clifton J. (Ed.). *Comentário bíblico Broadman*, p. 449.

3. Adaptação a partir de CARREZ, Maurice et al. *As cartas de Paulo, Tiago, Pedro e Judas*, p. 236.

## 2. Pontos de teologia

Interessante ressaltar que Paulo faz um pedido de aceitação; ele poderia ordenar, mas preferiu “pedir por amor” (cf. v. 8-9), para que fosse um ato espontâneo (v. 14). Poderia, também, simplesmente exigir obediência (v. 21). No entanto, sua autoridade se enquadra, de fato, no contexto do amor, apelando à consciência cristã de Filêmon: o pedido é então pautado no amor (v. 8-9); como ação espontânea, feita de livre vontade por parte do solicitado (v. 14), como sendo feita ao próprio apóstolo (v. 17). Na certeza de que Filêmon fará mais do que está sendo pedido (v. 21), o Apóstolo deixa claro o critério de isonomia, pois se dirige a Filêmon com o vocativo “irmão” (v. 7.20). Isso nos leva a refletir acerca do uso da autoridade por parte do apóstolo: cordialidade, humildade, amor... Características estas que devem permear a prática da autoridade cristã.

A prática do amor, o “fazer em nome do amor”, traz a força da realidade que produziu efeito qualitativo tanto na vida do apóstolo (v. 1.16) quanto na de Filêmon (v. 5-7)<sup>4</sup>. Amor e fé estão ligados (v. 6); esta pressupõe aquele: é “a fé que opera pelo amor”, conforme o próprio Paulo diz em Gl 5,6. Pelo amor, o apóstolo afirma também em Gálatas, em Cristo “não há escravo nem livre” (cf. Gl 3,28).

Assim, o paradigma para a vida eclesial se pauta no *amor e na fé* (cf. v. 5), para com o Senhor e para com os irmãos, e na *aceitação da autoridade*, de boa vontade (v. 14), com amor (v. 21). Tal é a ética batismal: a sustentabilidade na relação cristã saudável entre Filêmon e Onésimo (senhor e escravo) só pode ocorrer após a aceitação do Evangelho por parte de ambos. A partir de então, ambos deveriam viver como irmãos a serviço do mesmo Senhor, irmãos tanto na carne (*en sarkí*) quanto no Senhor (*en kyriô*, cf. v. 16), o que pode ser entendido como “na condição social da existência e no novo âmbito da vida aberto pela fé”<sup>5</sup>. Pode-se pensar aqui também no caráter holístico da relação cristã: o relacionamento espiritual com Cristo redonda numa relação social sustentável na base da fé e do amor<sup>6</sup>.

O elo de maior ligação agora é o *Senhor Jesus Cristo*. Mesmo com a brevidade da carta, o nome de Cristo e seu título “Senhor” aparecem onze vezes. Expressões como “irmão”, “companheiro de lutas e de prisão”, “comunhão” (*koinô-*

4. BARBAGLIO, Giuseppe. *As cartas de Paulo* (II), p. 426.

5. Cf. EGGER, Wilhelm. *Metodologia do Novo Testamento*, p. 141 (n. 182). Segundo Egger, trata-se de um *merisma*.

6. O que não deixa de ser, em Paulo, singular, pois normalmente em seus escritos o apóstolo argumenta usando as categorias “carne” e “espírito” de forma antagônica.

*nia*), “amado”, “me servisse” (*diakonéō*), “teu benefício”, “casa (igreja)”, todas reforçam o traço semântico de união, solidariedade<sup>7</sup>.

Apesar de o apóstolo tratar de um caso particular, a situação pode servir de paradigma para a comunidade cristã<sup>8</sup>, pois no v. 2 é expressamente incluída entre os destinatários, conforme assinalado acima, a comunidade cristã que se reúne na casa de Filêmon, em Colossos. Pode-se pensar que levar a questão ao domínio público fizesse parte da estratégia de Paulo para a persuasão de Filêmon. No entanto, muito mais que isso, a igreja de Colossos se reunia na casa de Filêmon, certamente um leigo dedicado e possuidor de considerável fortuna, chamado de “amado” por Paulo, e reconhecido pela sua generosidade para com os demais irmãos (cf. v. 1.5.7). Isso implica dizer que as atitudes de Filêmon e sua esposa na vida particular, como, por exemplo, sua postura para com os escravos, refletiria no convívio da comunidade. Ademais, se Filêmon recebesse seu escravo novamente, este se tornaria naturalmente parte da comunidade. Paulo então estava de certa maneira “‘apelando’ para a autoridade da igreja para reforçar o seu pedido em relação a Onésimo”<sup>9</sup>.

A argumentação do apóstolo apresenta uma gradação crescente. Primeiramente, o nome “Onésimo” significa “*aquele que é útil*”; para Paulo, ele era um escravo *inútil* (*áchrēstos*) e agora é *útil* (*eúchrēstos*, cf. v. 11). Paulo certamente joga ainda com a pronúncia desses adjetivos: na pronúncia itacística (pronúncia do *eta*, vogal longa, como um *iota* longo), seria lido *áchristos* (*não cristão*) e *eúchristos* (*cristão*), respectivamente. Há então um jogo de palavras com o nome de Onésimo. Antes ele não foi útil, deu prejuízo, mas agora pode ser útil, tanto a Filêmon quanto ao apóstolo. Antes Onésimo não havia honrado o significado de seu nome, mas doravante ele honraria. A conversão deve mudar também a postura secular do cristão.

Da mesma forma, o verbo grego que Paulo usa para expressar seu sentimento em relação ao cumprimento de seu pedido por parte de Filêmon (*onínēmi*, “ajudar”, “tornar-se útil”), traduzido quase sempre em português por “regozijar” (v. 20)<sup>10</sup>, é uma palavra cognata do nome Onésimo. Pode ser que o apóstolo a tenha escolhido, também aqui, para formar um jogo de palavras com o nome do escravo. Assim, Paulo estaria dizendo a Filêmon: “Que eu possa achar que você (como achei que ele) é um verdadeiro Onésimo (isto é, o meu útil)”<sup>11</sup>.

7. Ibidem, p. 105.

8. BULL, Klaus-Michael. *Panorama do Novo Testamento: história, contexto e teologia*, p. 119.

9. ROBBINS, Ray F. Filêmon. In: *Op. cit.*, p. 454.

10. O v. 20 diz: “Sim, irmão, eu quisera *regozijar-me* de ti no Senhor; reanima o meu coração em Cristo” (grifo nosso).

11. Paráfrase sugerida por Robbins em ALLEN, Clifton J. (Ed.). *Op. cit.*, p. 460.

A antítese é um recurso utilizado na carta não somente no trocadilho com o nome de Onésimo. Na própria relação Filêmon–Onésimo pode-se depreender, por exemplo: por obrigação, espontaneamente (v. 14); foi separado (v. 15), recebe (v. 17); por (uma) hora, eternamente (v. 15); escravo, irmão (v. 16); distante, comunidade doméstica; direito de Filêmon, renúncia ao direito; dever, pagar (v. 18-19). Já em relação à figura do próprio Paulo podem ser citadas: cárcere, libertação; ausência, preparar pousada (v. 22); autoridade apostólica, renúncia ao direito dela. Toda essa semântica de oposição permite reconhecer o forte interesse de Paulo numa transformação da situação presente. Ele propõe, assim, as transformações a serem realizadas. A renúncia da autoridade por parte do apóstolo deve conscientizar Filêmon na renúncia em aplicar as leis humanas a seu escravo fugitivo, aceitando-o de volta. A ideia central de todo o texto é “integração e renúncia a direitos”<sup>12</sup>. A comunidade cristã deve ser capaz de superar os contrastes sociais para uma convivência sustentável e harmoniosa.

O encadeamento das ideias é assegurado especialmente pelos pronomes pessoais, presentes em todos os versos (frequência incomum nas cartas do próprio Paulo), especialmente o de 1ª pessoa do singular (obviamente em referência ao emissor, Paulo) e o de 2ª (em referência a Filêmon). Colocam-se em evidência, assim, os dois personagens principais na solução da questão social de Onésimo.

Por respeito às leis romanas, Paulo manda Onésimo de volta para que Filêmon dele disponha (cf. v. 12). O apóstolo não envereda pela questão legal (ele não tem a intenção de fazer o papel de “polícia”!). No entanto, para Paulo, Onésimo não é mais tratado como um simples escravo, e sim como “irmão amado” (v. 16). Deve haver, de agora em diante, uma nova relação, “segundo a carne” (por vínculos naturais) e “segundo o Senhor” (por vínculos espirituais). A fuga é interpretada religiosamente: precedida por um “talvez” (*tácha*, v. 15), a providência divina lhe dá um sentido, e o apóstolo sabiamente não fala de fuga, mas sim de separação temporária, para posterior comunhão eterna (v. 15-16). Novamente, subjaz a antiga situação de Filêmon (convivência limitada entre escravo e senhor, restrita a um tempo determinado) com a atual, irmãos em Cristo por toda a eternidade.

Segundo o apóstolo, Onésimo deve ser recebido “como a mim mesmo” (v. 17): é o amor ao próximo como a si mesmo. A recusa em usar sua autoridade apostólica não deixa sua súplica destituída de peso, pois ela é feita em nome do amor. Isso leva a providências concretas. A ação de Paulo não fica apenas no âmbito do discurso: ele mesmo pagará pelos danos que porventura Onésimo tenha causado a Filêmon (v. 18-19). Pode ser até que, ao solicitar pousada para

12. Cf. EGGGER, Wilhelm. *Op. cit.*, p. 106.

futura visita que tencionava fazer a Filêmon (v. 22), esteja incutida a ideia de que, em breve, o apóstolo pretenda verificar *in loco* a situação de Filêmon<sup>13</sup>. Assim, ele não deixaria a questão de lado rapidamente, mas continuaria com ela em sua pauta de pensamento e ação. O amor, de fato, leva à ação contínua, e não a uma ação passageira.

O ato da aceitação de seu escravo delinquente por parte de Filêmon é a grande contribuição social do escrito, pois sabemos que a situação de escravos fugitivos não era fácil: se descobertos, poderiam ser submetidos a severas penas, inclusive à pena capital, em casos extremos<sup>14</sup>. Eles foram, por um bom tempo, um grande problema social para o Império Romano, com medidas paliativas tomadas pelos imperadores, sem nunca alcançar solução consistente<sup>15</sup>. Algumas medidas gerais de benefícios sociais, já quase no final do império, refletiam mudanças advindas da influência do próprio cristianismo: “A criação de asilos de pobres, orfanatos e hospitais se deve aos primeiros imperadores cristãos e é consequência da influência direta das igrejas cristãs”<sup>16</sup>. No entanto, “nem o cristianismo nem outras novas religiões advogaram a abolição da escravatura como instituição”<sup>17</sup>.

Há várias palavras no grego para descrever o estado de sujeição forçada de pessoas<sup>18</sup>. No caso de Onésimo, Paulo o descreve como um *doûlos* (v. 16). Esse termo e seus cognatos aparecem muito mais nos escritos paulinos do que no restante do Novo Testamento<sup>19</sup>.

Na relação Filêmon–Onésimo poderia haver ainda um agravante: o escravo poderia ter dado um prejuízo a Filêmon além daquele da própria fuga em si. Talvez se tratasse de haver furtado alguma coisa quando fugiu, ou tivesse quebrado algum vaso, odre, alguma “obra de arte” valiosa, e por isso mesmo tenha fugido... Mas pode ser também que Paulo se refira simplesmente ao prejuízo de Filêmon por estar de posse de um escravo que não trabalhava, não produzia há vários dias.

13. Cf., por exemplo, Cousar: “Seu plano em fazer uma visita (a Filêmon) é claramente feito com a intenção de descobrir o que se seguiu em relação a Onésimo” (COUSAR, Charles B. *Philippians and Philemon: A Commentary*, p. 105).

14. BARBAGLIO, Giuseppe. *Op. cit.*, p. 416.

15. Cf. KOESTER, Helmut. *Introdução ao Novo Testamento*, p. 60-65, 332-335, v. 1.

16. *Ibidem*, p. 335.

17. *Ibidem*, p. 64.

18. Cf. o verbete Escravo, Servo, Cativo, Prisioneiro, Liberto. In: COENEN, L.; BROWN, C. (Org.). *Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento*, p. 670-680, v. 1.

19. *Ibidem*, p. 676.

De qualquer forma, Paulo sabe que Filêmon o atenderá (cf. v. 21), e afirma que pagaria o prejuízo dado pelo escravo, caso Filêmon fizesse questão. Essa afirmação levanta uma pergunta: pagar como, se Paulo era missionário e estava preso? Pode ser que se trate de jogo argumentativo por parte do apóstolo. Por outro lado, Paulo ousa empenhar sua palavra, e pode-se crer que ele não a deixaria cair no vácuo. O mais certo é que ele espera que a fé professada por Filêmon, a qual inspira generosidade, torne-se eficaz, ou seja, prática e contundente (cf. v. 6). Parece que Filêmon, na verdade, já fez isso em outras ocasiões (v. 7).

Além disso, o apóstolo deixa claro que ele próprio não deixa de ser credor de Filêmon: este “deve a si próprio” ao apóstolo (cf. v. 19), ou seja, a nova vida de converso de Filêmon se deu através do apóstolo, diretamente ou, mais provavelmente, de forma indireta, quando Paulo enviou seus colaboradores à cidade de Colossos.

De qualquer forma, a questão vai além da relação social senhor-escravo... É uma questão de exercício do cristianismo. Por isso Paulo recomenda Onésimo a toda a igreja de Colossos (Cl 4,9). Tíquico levou a Carta aos Colossenses (4,7-8), e foi provavelmente em companhia dele que Onésimo retornou a Colossos.

## Conclusão

No que tange ao tema da escravidão, Paulo respeita as leis vigentes, mas enquadra sua execução dentro de uma moldura especificamente cristã, pois Cristo é o determinante em todas as relações sociais. Isso imprime aos mecanismos sociais uma mudança de impositação, a partir de dentro de cada pessoa. A carta acrescenta às leis (humanas) do Império Romano (senhor-escravo, o vínculo “segundo a carne”) as leis cristãs (irmãos em Cristo, servindo ao mesmo Senhor Jesus, o vínculo “segundo o Senhor”, v. 16). Como assinalado acima, ao escrever aos gálatas, o apóstolo foi mais adiante: “Não há judeu nem grego; não há escravo nem livre; não homem nem mulher; porque todos vós sois um em Cristo Jesus” (Gl 3,28). O Evangelho age primeiramente no âmago das pessoas.

Perdoar um escravo que havia fugido não era tão incomum, após castigá-lo... Mas a petição de Paulo não deixa de ser revolucionária para o pensamento da época, pois além de perdoar um escravo fugitivo (que pode até ter praticado um furto), ele pede que Filêmon trate o escravo como um irmão. Isso é uma questão bem diferente de perdoar um simples fugitivo. Em geral, o escravo não tinha direitos segundo a lei; era tratado, normalmente, mais como um objeto.

Para uma revolução cristã não se faz necessário, então, derrubar regimes, governos, mudar leis, pelo menos não necessariamente. A estrutura social pode



ser modificada a partir da postura dos cristãos, exercendo as mesmas leis com espírito cristão. Simples mudança de leis não altera, necessariamente, as condições humanas de uma sociedade, pois essa mudança pode ser simplesmente exterior. O próprio Novo Testamento não enfatiza, necessariamente, a mudança de posição social (desde que tratada dignamente) em face da conversão ao cristianismo<sup>20</sup>. Mesmo no caso de Filêmon, permanece a tensão entre o *status quo* e a fé num único Senhor, Cristo.

Faz-se mister, então, uma postura de mente, uma *metanoia*, uma mudança de atitudes daqueles que compõem a sociedade, o que se espera especialmente dos cristãos. Na Carta a Filêmon cada um dos três personagens principais é conclamado a fazer sua parte para que o desejado se suceda: Paulo se privaria da presença e auxílio de Onésimo. Este voltaria a seu ofício de escravo, retornaria a Filêmon solicitando perdão ao seu dono, a quem fizera uma injustiça. Filêmon, por sua vez, receberia de volta seu escravo delinquente e exerceria o perdão cristão para com ele. Cada um dos três faria aquilo a que é conclamado a fazer como cristão.

Por fim, a carta acaba por revelar, assim, uma transformação radical nas relações pessoais. A consciência cristã precisa analisar e refletir sobre todas as instituições sociais que violam os direitos individuais. A intercessão de Paulo por Onésimo faz sobressair o amor de Cristo sobre a instituição da escravatura. O princípio do amor e da comunhão cristãos impede que qualquer cristão considere o semelhante como se fosse um mero objeto; o caso de Onésimo funciona como paradigma para as relações de trabalho. Somente assim, colocando em ação, de forma eficaz, o princípio do amor e união propostos por Cristo, seus seguidores conseguirão impor à sociedade uma ética sustentável interior, do âmago, profunda, que possibilite relações de trabalho sustentáveis, saudáveis e duradouras.

### Bibliografia

- ALLEN, Clifton J. (Ed.). *Comentário bíblico Broadman*. Tradução de Adiel A. de Oliveira. 2. ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1988. v. 11 (II Coríntios-Filêmon).
- BARBAGLIO, Giuseppe. *As cartas de Paulo (II)*. Tradução de José M. de Almeida. São Paulo: Loyola, 1991.
- BULL, Klaus-Michael. *Panorama do Novo Testamento: história, contexto e teologia*. Tradução de Uwe Wegner. São Leopoldo: Sinodal, 2009.
- CARREZ, Maurice et al. *As cartas de Paulo, Tiago, Pedro e Judas*. Tradução de Benôni Lemos. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2008.

20. Ibidem.



COENEN, L.; BROWN, C. (Org.). Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento. Tradução de Gordon Chown. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2000.

COUSAR, Charles B. *Philippians and Philemon: A Commentary*. Louisville, KY: Westminster John Knox Press, 2009.

EGGER, Wilhelm. *Metodologia do Novo Testamento: introdução aos métodos lingüísticos e histórico-críticos*. Tradução de Johan Konings e Inês Borges. São Paulo: Loyola, 1994.

KOESTER, Helmut. *Introdução ao Novo Testamento: história, cultura e religião do Período Helenístico*. Tradução de Euclides L. Calloni. São Paulo: Paulus, 2005.

*Dionísio Oliveira Soares*  
Estrada do Engenho, 1931 – Bangu,  
21840-000 Rio de Janeiro, RJ  
E-mail: dionisio2020@yahoo.com.br